

Protagonismo infantil na Internet: literacias midiáticas, cidadania e liberdade de expressão

MAYRA FERNANDA FERREIRA

Introdução

No contexto da Sociedade em Rede, o acesso e as utilizações da Internet como uma mídia em potencial - para produção, recepção e interação entre atores sociais e as mensagens - tornam-se foco de estudos e também de práticas sociais comunicativas. Entre esses atores, as crianças se apresentam como uma geração que já nasce conectada e que se apropria significativamente, além de ressignificar as plataformas e as ferramentas de mídia digital (TAPSCOTT, 2010).

Tendo como foco compreender tais apropriações e defender o direito infantil de acesso às informações por quaisquer meios e à liberdade de expressão, conforme postula a Convenção dos Direitos da Criança da Organização das Nações Unidas, decretada em 1989, este trabalho considera o protagonismo das crianças na e em rede como exercício ativo, crítico, criativo e cidadão, de modo a valorizá-las como agentes de transformação social e atores comunicativos dotados de valores e opiniões que merecem ser expressados e difundidos. Para tanto, recorre-se ao conceito de literacias a fim de demonstrar as competências e as habilidades dessa geração digital, como denomina Tapscott (2010), diante da Internet, e também a dados do relatório “TIC Kids Online Brasil 2014”, do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI, 2015), sobre os usos de mídia digital pelas crianças¹.

1 A pesquisa “TIC Kids Online Brasil 2014” (CGI, 2015) foi realizada de outubro de 2014 a fevereiro de 2015, com a participação de 2.105 crianças e jovens de 9 a 17 anos nas cinco regiões do Brasil, sendo que as crianças de 9 a 12 anos representam 38% dos pesquisados.

Nossa proposta é de pontuar a presença infantil na rede² e verificar que as utilizações, em especial no que se refere à interação promovida em rede, retomam a possibilidade de uma comunicação participativa, de acordo com a teoria latino-americana de Mario Kaplún (1983), ao favorecer o diálogo e a expressividade entre as próprias crianças e também os adultos com os quais interagem na Internet. Esse modelo de comunicação abre espaço, portanto, para o debate³ sobre o protagonismo infantil e seu direito à liberdade de expressão, aliado ao fato de contar com uma proposta de adaptação do método do cassete fórum kapluniano que possibilita a troca de informações entre grupos e o compartilhamento de opiniões sobre temáticas de interesses afins (KAPLÚN, 1984).

As crianças da Geração Digital e a Internet

A geração da infância, na sociedade em rede, encontra-se atrelada às plataformas digitais, atuando com autonomia e independência desde que tenham acesso a essas tecnologias, visto que Tapscott (2010) afirma que usar a tecnologia é tão natural como respirar para essas crianças. Desse modo, mesmo sem um processo de mediação e/ou mídia-educação, tais mídias digitais se apresentam de maneira familiar e instigante e oferecem uma gama de possibilidades e finalidades que vão do mero entretenimento a atividades escolares e formativas. Forma-se uma geração digital.

Diante desse acesso e das utilizações, torna-se relevante pontuar a importância de se garantir e/ou verificar a alfabetização midiática e informacional (*Media and Information literacy - AMI*) dessas crianças, uma vez que a AMI visa proporcionar aos cidadãos “um conhecimento básico sobre as funções das mídias e de outros provedores de informação e de como acessá-los. [...] Esse conhecimento, por sua vez, deveria permitir que os usuários se engajassem junto às mídias e aos canais de informação de maneira significativa.” (WILSON; et al, 2013, p. 16). Antes, porém, de verificar se há ou fomentar um engajamento significativo das crianças com as mídias digitais, é relevante observar indicadores sobre as utilizações da rede por essa geração digital.

A pesquisa “TIC Kids Oline Brasil – 2014” (CGI, 2015) apresenta um diagnóstico dos usos da Internet pelas crianças e adolescentes brasileiros e pode ser um norte para a identificação das literacias midiáticas dessa infância em ambiente digital. Os dados revelam uma infância e uma juventude conectadas o que cresce a cada ano e ressignifica atenções e/ou

2 A expressão “na rede” refere-se à presença na Internet, isto é, a Internet como a rede.

3 Vale assinalar que esse debate está em aprofundamento para a tese de doutoramento em Comunicação, uma vez que se pretende validar o novo cassete fórum em meio digital com crianças por meio de uma pesquisa-ação com sujeitos de 10 a 12 anos que se identificam com a geração digital e participam da mídia digital.

mediações de produtores de conteúdo a fim de atender a esse novo público, um público cada vez mais jovem que se revela um usuário ativo, que consome e produz informações, além de estabelecer relações com os demais usuários.

No que se refere ao acesso, destacam-se os dados de que 49% das crianças de 9 e 10 anos e 77%, de 11 e 12 anos, acessam a internet pelo celular e mais de 70% por conexão *wi-fi*. Entre as atividades on-line, revelam-se trabalhos escolares (média de 60% entre crianças de 9 a 12 anos); pesquisas na Internet (50%); rede social (50%); mensagens instantâneas (44%); ouvir músicas e assistir a vídeos (40%); entre outras de menor expressão mas significativas que podem ser consultadas em CGI (2015, p. 323-326). A presença em redes sociais é outra característica a ser ressaltada: 43% de 9 a 10 anos e 68% de 11 a 12 anos têm perfil em rede social.

Além desses indicativos, as crianças também se manifestaram sobre as habilidades no uso da rede: 55% de 11 a 12 anos julgam saber mais que os pais como usar a Internet; 35% afirmam saber muitas coisas sobre como usar a internet e 71% concordam com o fato de que há muitas coisas boas para as crianças da mesma faixa etária e mais de 70% indicam que não foram tratados de forma ofensiva na internet. Essas informações revelam que há um entendimento das crianças sobre seu comportamento na rede, sendo cada vez mais importante que elas reconheçam seu protagonismo em rede e estejam cientes de um consumo ético, responsável e crítico dos conteúdos ali apresentados e também de sua própria produção, a fim de exercer sua cidadania em ambiente digital e até mesmo expandi-la para espaços *off-line*. No entanto, primeiro cabe discutir como possibilitar esse protagonismo por meio da valorização da expressividade infantil, no que concerne a espaços de participação e para liberdade de expressão.

Comunicação participativa e uma nova proposta de cassete-fórum

O modelo de comunicação participativa, defendido pelo teórico Mario Kaplún (1984), apresenta a horizontalidade do processo comunicativo como pressuposto e ação a partir do imbricamento entre os papéis de produtores e receptores, uma vez que todos podem exercer as duas funções e ser protagonista da própria comunicação, ou seja, a expressividade individual e em grupo é valorizada de modo a ressaltar as opiniões de cada sujeito comunicativo.

A partir da troca e da construção de mensagens, os indivíduos e os grupos se autovalorizam, uma vez que reconhecem a importância de sua voz, devido à autoexpressão, e sua contribuição para a sociedade a qual pertence. Esse potencial para o desenvolvimento social é exaltado por Kaplún (1984), já que ele considera que sem participação não há de-

envolvimento porque, por meio dela, os indivíduos assumem seu papel de protagonistas e criam as soluções para os próprios problemas.

Por meio, então, da participação é que se possibilita a cidadania para esses sujeitos e possibilita novas experiências grupais para a valorização das vozes e das proposições de transformação social, cuja defesa é a transposição para a ação tendo em vista a promoção de uma sociedade democrática. Nesse sentido, o potencial de cidadania se apresenta para que enquanto protagonistas possam participar ativamente da sociedade a qual pertencem. Para promover esse protagonismo, o teórico latino-americano propôs o método participativo do cassete-fórum que consistia em uma experiência com grupos rurais no Uruguai que trocavam mensagens sobre temáticas de interesses comuns por meio de um tema gerador em uma rádio popular - o quadro 1 sistematiza tal método.

Com o objetivo de articular esse modelo de comunicação participativa voltado ao público infantil e considerando os dados sobre as utilizações das mídias digitais pelas crianças (CGI, 2015), trabalhou-se em uma proposta de adaptação do cassete-fórum para uma plataforma digital, seja em redes sociais digitais⁴ ou um site de fóruns e/ou construção coletiva, como o são as plataformas wiki. No quadro 1, encontra-se a articulação dos métodos de modo a propiciar um olhar comparativo sobre as possibilidades de diálogo e trocas de experiências por meio de um cassete-fórum digital.

Quadro 1 – Adaptação do método cassete-fórum para o meio digital

| ETAPAS | MÉTODO CASSETE-FÓRUM | CASSETE-FÓRUM DIGITAL |
|---------------|----------------------|--|
| MATERIAIS | Gravador e cassete | Redes sociais digitais e/ou plataformas wiki |
| PÚBLICO | Comunidades rurais | Geração digital – crianças de 10 a 12 anos |
| PERIODICIDADE | Quinzenal e mensal | Semanal |
| GRUPO GERADOR | Rádio popular | Grupo de crianças que têm perfil mais ativo em redes sociais |

4 Cabe ressaltar a preocupação com a segurança das crianças na Internet, tendo em vista que algumas redes abertas restringem a existência de perfis de indivíduos com menos de 13 anos de idade, o que não tem impedido a presença de menor faixa etária na rede. Dessa forma, em caso de utilização de uma rede social digital de popularidade, será necessário um estudo técnico e de usabilidade para restringir a exposição dos participantes de modo a garantir a confiabilidade das informações e assegurar a expressividade infantil.

| ETAPAS | MÉTODO CASSETE-FÓRUM | CASSETE-FÓRUM DIGITAL |
|-------------------|---|---|
| TEMA GERADOR | Assunto relevante às comunidades rurais | Questão eleita pelo grupo gerador como mais recorrente entre as publicações e as manifestações infantis nas redes sociais digitais |
| DISCUSSÕES | Comunidades debatiam e gravavam uma mensagem sintetizadora das conclusões do grupo | Crianças estabelecem interações por meio de trocas de mensagens, comentários e compartilhamentos de mensagens |
| NOVO TEMA GERADOR | A gravação retornava à Rádio Popular que reunia as discussões e produzia uma nova mensagem com as reflexões coletivas | Grupo gerador observa e sintetiza as interações e formula nova questão para o debate |
| AVALIAÇÕES | Os grupos tinham acesso à gravação coletiva e conheciam a opinião de seus pares sobre o mesmo assunto | A ação em rede desses grupos demonstra como as crianças participam da mídia e quais assuntos sociais são mais próprios a sua realidade e potencial de intervenção |
| RESULTADOS | Os grupos se sentiam valorizados porque podiam se expressar livremente, além de ter acesso às informações e discussões de outros grupos | Crianças garantem um espaço de expressividade na mídia e utilizam as redes sociais digitais como instrumento de diálogo reflexivo e transformador da realidade, reconhecendo-se, assim, como atores sociais |

Fonte: elaborado pelo autor

Apesar de se apresentar ainda em modo conceitual, observa-se que com o método do cassete-fórum digital há a possibilidade on-line de fomentar a expressividade infantil, em especial com foco nas crianças de 10 a 12 anos, devido às literacias informacionais e midiáticas já presentes em seu processo cognitivo e às sociabilidades vivenciadas por meio do convívio familiar, escolar e em demais comunidades de interesses afins. Entre as temáticas a serem discutidos, fomentadas pelo grupo gerador, poderiam estar elencados os produtos de mídia digital com os quais as crianças têm contato, conteúdos escolares e questões sociais como política, saúde, entre outros.

Acredita-se que a partir da expressividade sobre tais temáticas em comunidades formadas pelas próprias crianças, seja formada uma rede de interações e participação que demonstre o protagonismo cidadão infantil, potencializado por uma plataforma digital e, principalmente, por um modelo de comunicação participativa. Essas potencialidades, mais que demonstrar o dialogismo em rede, são instrumentos de cidadania e de promoção democrática, valorizando todos os atores sociais comunicativos, crianças ou não.

Considerações

Esta proposta de valorização do protagonismo infantil, como ponto de partida, reconhece a importância de conceitos e metodologias para demonstrar a potencialidade de uma comunicação participativa para as crianças, uma vez que as consideramos como produtoras ativas e interativas de conteúdos na mídia digital. Ao mesmo tempo, valoriza-se a auto expressividade infantil e o processo dialógico para que as literacias informacionais e midiáticas estejam em ação, revelando uma utilização crítica e criativa por parte das crianças das mensagens e ferramentas que comunicação que têm à disposição.

Em um cenário de promoção de igualdade e interculturalidade, ainda mais em um contexto interativo e na e em rede, os atores comunicativos, sem qualquer restrição de faixa etária, são protagonistas de suas próprias comunicações que refletem opiniões, interesses e ações. Sendo assim, promover espaços de participação na mídia é garantir aspectos de cidadania – em especial, direito ao acesso às informações e à liberdade de expressão – e fomentar debates e articulações que visem a uma transformação na sociedade e que esse transformar seja em prol de todos os cidadãos. Afinal, cidadania se exerce desde a infância.

Referências

CGI. **TIC Kids online Brasil 2014**: Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil. São Paulo: Comitê Gestor de Internet no Brasil, 2015.

KAPLÚN, Mario. **Comunicación entre grupos**: el método del Cassette-Foro. Ottawa: CIID, 1984.

_____. **Hacia una comunicación participativa**: entrevista a Mário Kaplún. Quito: Aler, 1983.

TAPSCOTT, Dan. **A hora da geração digital**: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos. Tradução de Marcello Lino. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.

WILSON, Carolyn; et al. **Alfabetização Midiática e informacional**: currículo para formação de professores. Tradução de Dermeval de Sena Aires Júnior. Brasília: Unesco, UFTM, 2013.